



CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISTUS
CURSO DE PSICOLOGIA

LETÍCIA PAIVA GOMES FERREIRA

Performatividade de Gênero e Corpo em Mulheres Homoeróticas.

FORTALEZA

2023

LETÍCIA PAIVA GOMES FERREIRA

Performatividade de Gênero e Corpo em Mulheres Homoeróticas.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário Christus, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Lorena Brito da Silva.

Fortaleza

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Centro Universitário Christus - Unichristus
Gerada automaticamente pelo Sistema de Elaboração de Ficha Catalográfica do
Centro Universitário Christus - Unichristus, com dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F383p Ferreira, Leticia Paiva Gomes.
 Performatividade de Gênero e Corpo em Mulheres
 Homoeróticas / Leticia Paiva Gomes Ferreira. - 2023.
 36 f.

 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro
 Universitário Christus - Unichristus, Curso de Psicologia,
 Fortaleza, 2023.
 Orientação: Profa. Dra. Lorena Brito da Silva.

 1. Performatividade de Gênero. 2. Imagem Corporal. 3.
 Homoerotismo. 4. LGBTQIA+. 5. Mulheres. I. Título.

CDD 150

LETÍCIA PAIVA GOMES FERREIRA

Performatividade de Gênero e Corpo em Mulheres Homoeróticas.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário Christus, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Lorena Brito da Silva

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lorena Brito da Silva (Orientadora)
Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

Profa. Dra. Nathássia Matias de Medeiros
Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

Profa. Dra. Patrícia Marciano de Assis
Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

AGRADECIMENTOS

À minha avó, Maria Leuricléa, cujo nome jamais poderia faltar nesse pedaço de mim; assim como não me falta em nenhum outro.

À minha mãe, Anna Cândida, por ser minha maior e melhor companhia e presença.

Ao meu pai, Marcos, e irmão, Eduardo, por sempre me erguerem mais alto.

À Nala, por me desatar muito nó.

Ao meu computador, carinhosamente apelidado de Carroçinha, por não me deixar na mão, apesar de seus 11 anos.

À minha orientadora, Lorena, por entender meu funcionamento e me conceder muita clareza e fôlego.

À todos que fizeram parte do meu percurso, por como me tocaram e por como eu espero lhes ter tocado.

À garota com sua blusa da sorte, por ser a minha.

Ao azulzinho que ouve meu choro, me põe no colo e me acaricia o coração.

À Gal Costa e Rita Lee.

RESUMO

Esta pesquisa objetivou compreender como a performatividade de gênero atravessa a construção da imagem corporal de mulheres que se relacionam com outras mulheres. Percebemos e somos percebidos por nossos corpos e estamos constantemente estabelecendo figurações mentais a partir de ideais que esculpem as características mais desejáveis à sociedade. Historicamente, a performance dos corpos femininos tem sido alvo de controle através de uma lente masculina. As produções acadêmicas refletem, predominantemente, a realidade de mulheres heterossexuais e há a tese de que ter atração sexual e se relacionar com outras mulheres possa ser um fator protetivo na introjeção de valores objetificantes. Assim, o método utilizado foi uma revisão narrativa de literatura, sendo analisados 12 artigos através da análise de conteúdo de Bardin. Estabeleceu-se que o ser mulher é um processo, requer atos e performances constantes para cumprir com as demandas estéticas e sociais que cercam essa identidade. A sexualidade e expressão de gênero também apresentaram um aspecto performativo, estando sujeitos a pressões e reproduzindo, dentro da própria comunidade LGBTQIA+, normas e expectativas sobre masculino e feminino. Apesar disso, essa comunidade se apresenta mais receptiva de diversidades e se configura como um dos diversos fatores protetivos para a imagem corporal de mulheres homoeróticas, estando menos vulneráveis às demandas impostas pelo olhar masculino. Para concluir, o acesso a discursos alternativos e diversificados, bem como a construção de trabalhos e discussões acadêmicas que tragam visibilidade a esses temas e recortes minoritários, exercem um papel importante na desestabilização de visões cristalizadas do que é aceito.

Palavras-Chave: Performatividade de Gênero. Imagem Corporal. Homoerotismo. LGBTQIA+. Mulheres.

ABSTRACT

This research aimed to comprehend how gender performativity intersects with the construction of the body image of women who have relationships with other women. We perceive and are perceived by our bodies and are constantly establishing mental associations from ideals that sculpt the characteristics more desirable to society. Historically, the performance of female bodies has been a target of control through the male lens. Academic productions reflect, predominantly, the reality of heterosexual women and there's a thesis that having sexual attraction and relationships with other women can be a protective factor for the introjection of objectifying values. Therefore, the utilized method was a narrative review, 12 articles were analysed with Bardin's content analysis. It was established that being a woman is a process, requiring acts and constant performances to accomplish the aesthetic and social demands that surround this identity. Sexuality and gender expression also presented a performative aspect, being subject to pressures and reproducing, within the LGBTQIA+ community itself, norms and expectations of masculine and feminine. Nevertheless, this community presents itself as more receptive of diversities and configures itself as one of the several protective factors for body image in homoerotic women, being less vulnerable to demands imposed by the male gaze. To conclude, the access to alternative and diversified discourse, as well as the construction of academic papers and discussions that bring visibility to these themes and minority groups, exert an important role in destabilizing crystallized outlooks of what is accepted.

Keywords: Gender Performativity. Body Image. Homoeroticism. LGBTQIA+. Women.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 MÉTODO.....	13
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	15
3.1 Performatividade de Gênero – Conceitos e Caracterização.....	17
3.2 Sexualidade e Expressão de Gênero.....	21
3.3 Imagem Corporal de Mulheres Homoeróticas.....	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

O corpo, enquanto materialização da vivência humana, pode ser conceituado como a fronteira e o espaço por onde o indivíduo se relaciona com o mundo e com o outro, sendo, ao mesmo tempo, individual e coletivo. Primordialmente, é através do uso do corpo que experimentamos, elaboramos e nos expressamos em sociedade, constituindo-se, portanto, como uma linguagem essencial ao nosso desenvolvimento (BARBOSA et al., 2011). Percebemos e somos percebidos através de nossos corpos e, para tanto, estamos constantemente estabelecendo figurações e associações mentais. Além de físico, o corpo se configura, também, como um corpo-linguagem, que enuncia marcas identitárias e produz individuações, assim como diferenças (COMISSÁRIO; ARAÚJO, 2021). Dessa forma, no que toca a percepção individual sobre o corpo, o conceito de imagem corporal será utilizado, em referência à representação mental de nossos corpos. Trata-se de um construto psicológico e multidimensional, que engloba percepções, pensamentos e sentimentos acerca da aparência física geral e específica que um indivíduo tem de si e em relação aos outros (HART, 2003; CASH, 2004).

A construção da imagem corporal, assim como do construto da identidade, é considerada fluida e dinâmica, por estar sempre transformando e sendo transformada pela cultura e pelo campo social em que o indivíduo está inserido. A forma com a qual nos enxergamos e avaliamos que os outros nos enxergam influencia o modo com o qual processamos informações e acontecimentos. Assim, o reconhecimento dos outros acaba exercendo poder sobre nossa maneira de ver e de se relacionar com os demais indivíduos e com o meio (BARROS, 2005).

Através das diversas relações que nos perpassam, estamos constantemente sujeitos a ideais e padrões que pressionam e esculpem as características que são mais reconhecidas e desejáveis àquela sociedade. Embora todas as identificações de gênero recebam expectativas quanto a esses fatores, algumas especificidades são mais direcionadas aos corpos femininos. Considerando a história patriarcal, isto é, de dominação masculina, que envolve nossa cultura, uma prática social que ainda se faz presente para o recorte dos corpos femininos é a que se denomina de objetificação sexual (FREDRICKSON; ROBERTS, 1997); a partir da qual mulheres

são percebidas e tratadas como corpos que existem principalmente para a satisfação do prazer sexual masculino (SMOLAK & MURNEN, 2011).

Desde a infância, vamos aprendendo que os corpos femininos são alvo de observação, controle, avaliação e potencial objetificação sexual através dessa lente masculina (LOUREIRO, 2014). Por meio de comentários, olhares e da representação na mídia, a naturalização dessa lógica objetificante afeta e reflete na imagem corporal e nos comportamentos das mulheres. Dessa forma, é possível que ocorra também uma introjeção desses valores, e o tratamento de si e de outros corpos femininos a partir dessa mesma valoração da aparência física, bem como a busca pelo aumento de seu apelo heterossexual (LOUREIRO, 2014; SMOLAK & MURNEN, 2011).

Tocando no tópico específico da mídia, um importante ponto de partida para a inspiração da presente pesquisa foi o consumo da autora de obras cinematográficas da cineasta francesa Céline Sciamma, destacando-se o filme *Lírios D'Água* de 2007. A crítica de cinema Laura Mulvey (1973, apud, RELVAS, 2018, p. 38) aponta a sociedade patriarcal como responsável pela forma como o cinema foi construído e desenvolvido com narrativas que, em sua maioria, não dão importância à mulher, sendo ela apenas uma imagem ou objeto dominado pelo olhar e desejo do homem (MULVEY, 1973, apud, RELVAS, 2018, p. 38).

Os filmes de Sciamma, por outro lado, em um movimento feminista e pós-estruturalista, são conhecidos por protagonizar as questões e as personagens femininas de forma complexa e individual, afastando-se de padrões cristalizados de identidade, gênero e feminilidade (RELVAS, 2018). Em *Lírios D'Água* (2007), especificamente, vemos a adolescente protagonista, Maurie (Pauline Acquart), se apaixonar por sua amiga Floriane (Adèle Haenel), em um time de nado sincronizado. O desenvolver do filme traz a descoberta da sexualidade homoerótica na adolescência e aborda a expressão de gênero e os atos que sustentam o que se espera da adolescência feminina.

Em entrevista ao *The Independent UK*, com Alexandra Pollard (2020), uma fala da Céline Sciamma durante a estreia de *Lírios D'Água* é retomada onde ela revelou que o nado sincronizado foi utilizado como uma metáfora do “trabalho de ser uma menina” – beleza e serenidade acima da superfície, luta e sacrifício por baixo. Mais aprofundadamente, em entrevista a Laura Newman (2008) do *IONCINEMA*, ela

explica que o nado se apresentou para ela como um símbolo de algo que ela gostaria de ser. Por ser um esporte estritamente para mulheres, ele demonstra o que é esperado delas: na maquiagem, cabelo, sorriso e aparência de não estar fazendo esforço algum. Enquanto por baixo da água e por baixo da superfície tudo é sobre sacrifício e dor. O trabalho de ser uma menina, afirma ela, é sobre parecer uma boneca quando se é uma soldada.

Ao traçar essa metáfora, Sciamma aproxima-se do conceito de Performatividade de Gênero, de Judith Butler, também parte do movimento feminista e pós-estruturalista, que compreende o gênero, isto é, o ser mulher, como um conjunto de atos e estilizações repetidas e reguladas pela sociedade. Por mais que se crie a aparência de que o ser mulher é algo natural e cristalizado, na verdade tanto o ser mulher quanto a feminilidade são coisas que são constantemente performadas e mais fluidas do que aparentam (BUTLER, 2010, p. 59, apud FIGUEIREDO, 2018, p. 42).

Finalmente, cabe considerar que as produções acadêmicas sobre imagem corporal e objetificação de corpos femininos refletem, predominantemente, a realidade de mulheres que se identificam como heterossexuais e que, de fato, almejam o apelo e o desejo do olhar masculino. Tal ocorrência aponta para a conceituação de uma sociedade denominada heteronormativa, onde os comportamentos heterossexuais são dominantes e tidos como o padrão a ser seguido, o que leva à estigmatização e marginalização de quaisquer outras vivências (SOUZA; PEREIRA, 2013; MOURA; MEDEIROS, 2014). A partir do momento em que vislumbramos outras orientações sexuais, como apresentado na cinematografia de Céline Sciamma, nos deparamos com uma nova lente que requer maior investigação. De acordo com Loureiro (2014), estudos realizados com mulheres de orientações homoafetivas têm demonstrado que os pressupostos teóricos sobre objetificação não capturam de maneira adequada as experiências vividas por elas (KOZEE & TYLKA, 2006; ENGELN-MADDOX et al., 2011). Há, inclusive, a tese de que, para algumas mulheres, ter atração sexual e se relacionar com o mesmo sexo possa ser um fator protetivo para a introjeção da objetificação (HILL & FISHER, 2008).

A fim de ir além de uma única identidade e orientação sexual autorreferida, serão utilizados termos como: mulheres não heterossexuais e mulheres

homoeróticas, de forma a agrupar lésbicas, bissexuais, panssexuais, entre outras identificações de mulheres que sentem atração ou se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres. Cabe ressaltar, também, que ao falar de mulheres incluímos tanto mulheres cisgênero quanto mulheres transgênero, reconhecendo e legitimando suas vivências como distintas mas recusando quaisquer discursos de patologização ou exclusão de suas identidades e direitos.

De acordo com Robinson (2021), as mulheres heterossexuais se apresentam mais vulneráveis à rigidez dos padrões de beleza e estética corporal, valorizando a magreza extrema, branquitude, juventude e expressões enrijecidas de feminilidade. Dessa forma, a autora indica que as mulheres lésbicas e bissexuais vivenciam uma subcultura aparentemente protetiva a essas pressões, o que suscita investigações referentes ao modo como essa subcultura é construída e mantida na sociedade, bem como até que ponto ela é de fato protetiva, cabendo apontar que existem variações a depender das interseccionalidades e marcas identitárias expressas, necessitando de uma análise compreensiva das formas múltiplas, estruturais e articuladas de opressões e desigualdades (BIROLI; MIGUEL, 2015).

Em 2019, foi realizada a primeira Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que levantava dados sobre a orientação sexual da população brasileira. Foram identificadas as estatísticas experimentais, isto é, ainda sob avaliação, de que cerca de 2,9 milhões de brasileiros se declararam homossexuais ou bissexuais, o que corresponde a 1,8% da população adulta. Além disso, 1,7 milhão relatou não saber sua orientação sexual e 3,6 milhões não quiseram responder, podendo indicar uma subnotificação reconhecida pelo próprio IBGE, que aponta o estigma e o preconceito como fatores que podem fazer com que as pessoas não declarem sua orientação sexual.

Especificamente considerando as mulheres brasileiras, 0,9% se declararam lésbicas e 0,8% bissexuais (IBGE, 2019). Ainda que não constituam a maioria da população brasileira, mulheres que se relacionam com outras mulheres se apresentam como uma considerável parcela dos brasileiros, sendo importante a investigação de suas práticas, comportamentos e percepções para melhor compreender e assisti-las em suas necessidades (RUFINO et al., 2018).

Ademais, a presente pesquisa parte da curiosidade e interesse da autora, por sua inserção na comunidade LGBTQIA+ e pela exposição a discussões e produções

culturais que suscitaram a ideia, assim como parte do achado acadêmico de que pouco está sendo pesquisado e publicado no que tange às mulheres não heterossexuais brasileiras. Além de oferecer um estudo exploratório desse recorte, a criação de pesquisas como esta fomentam a discussão científica e favorecem o processo de desestigmatização e de uma abordagem positiva e respeitosa das temáticas de sexualidade e gênero, colaborando com a promoção de saúde sexual, preconizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um estado de bem estar físico, emocional, mental e social, que depende da possibilidade de uma expressão livre de coerção, discriminação e violência (WHO, 2006).

A partir disso, considerando a relação entre performatividade de gênero e imagem corporal, e considerando a prevalência de uma literatura científica com recortes majoritariamente heterossexuais, questiona-se de que forma a performatividade de gênero atravessa a construção da imagem corporal de mulheres que se relacionam com outras mulheres? Conseqüentemente, surge a proposta do presente estudo de compreender como a performatividade de gênero atravessa a construção da imagem corporal de mulheres homoeróticas. Para isso, propõe-se, também, caracterizar o conceito de performatividade de gênero e discutir a relação entre sexualidade e expressão de gênero.

2 MÉTODO

O presente artigo é caracterizado como um estudo exploratório baseado na abordagem qualitativa. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, onde são analisadas fontes de informações bibliográficas já publicadas com o intuito de descrever e discutir os resultados encontrados ao longo do *corpus* textual, promovendo uma atualização dos conhecimentos sobre a temática (ROTHER, 2007). A revisão narrativa, especificamente, se difere de outras pesquisas bibliográficas por adotar uma metodologia mais livre, sem um protocolo rígido em relação à pesquisa em si e à seleção de artigos (CORDEIRO et al., 2007).

O percurso percorrido pela autora para a seleção de artigos e dissertações foi realizado inicialmente através da busca por palavras-chave e descritores reconhecidos pela Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), sendo os principais:

performatividade de gênero, imagem corporal, homoerotismo e mulheres, além de termos alternativos a cada um destes (corpo, homoafetividade, mulheres não heterossexuais, entre outros), devido à especificidade do tema e dificuldade de encontrar resultados condizentes com o objetivo e a área da pesquisa. A busca pelo termo “performatividade de gênero”, por exemplo, em conjunto com “imagem corporal” não resultou em tantos achados quanto a junção entre “performatividade de gênero” e “corpo”. Além disso, foi possível perceber que ao procurar pelo recorte de mulheres não heterossexuais, no intuito de abranger não somente lésbicas, mas também mulheres de outras identidades e orientações sexuais, há uma amplitude de termos que são utilizados, sem que haja um consenso acadêmico para unir essas produções.

Em vista disso, a procura foi expandida para revistas, dossiês, anais e seminários de gênero e sexualidade, na intenção de chegar a alguns pesquisadores e autores considerados como referência nas categorias e conceitos centrais da presente pesquisa. Assim, foram selecionadas duas autoras feministas brasileiras, cujas contribuições abrangem os campos da psicologia, ciências sociais, antropologia, entre outros. São elas: Maria Juracy Filgueiras Toneli, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); e Regina Facchini, do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Suas publicações, portanto, também foram selecionadas e analisadas na medida que se alinhassem, de fato, com as temáticas propostas para esta pesquisa. Vale o destaque de que muitas das autoras dos demais textos são de orientadoras, orientandas ou comentadoras das produções das duas.

O período de realização da busca foi de janeiro a maio do ano de 2023, sendo utilizadas as seguintes bases de dados: Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*. Após esse levantamento e a leitura dos resumos, foram considerados critérios de inclusão: artigos em inglês, espanhol e português, sem restrição quanto ao ano de publicação, e que abordem as temáticas que pretendemos investigar. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados, de modo geral, artigos cujo foco não corresponde ou foge do objetivo da pesquisa, assim como artigos que não estão disponibilizados gratuitamente.

Em seguida, a análise de dados se deu a partir do método de Análise de Conteúdo de Bardin (2011). A análise, portanto, foi constituída por um processo dividido em três fases. Na primeira fase, denominada de pré-análise, foi realizada uma leitura flutuante do material escolhido. Em seguida, houve a exploração e codificação do material, onde foram observados temas recorrentes e estabelecidas categorias para que, por fim, fosse possível realizar o tratamento dos resultados. Nesta última fase, foram realizadas interpretações inferenciais e análises críticas, em diálogo com os referenciais teóricos, com o intuito de atender aos objetivos estabelecidos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra final desta pesquisa, conforme apresentado no Quadro 1, foi composta por doze (12) artigos, sendo a produção mais antiga publicada no ano de 2006 e a mais recente publicada em 2022. Vários outros artigos e dissertações foram encontrados no tema, no entanto, devido ao tempo disponível para a conclusão deste trabalho, foi preciso fazer uma seleção estratégica por parte da autora para dar conta de se debruçar sobre os textos, privilegiando artigos de maior alinhamento com o tema e menor tamanho de páginas. Portanto, faz-se necessário o fomento de mais pesquisas como esta.

Quadro 1 – Amostra final numerada por ordem cronológica crescente, apresentando título, autores e data de publicação.

Artigo	Título	Autores	Publicação
1	Territorialidade Homoerótica: Apontamentos para os estudos de gênero	Maria Juracy Filgueiras Toneli Juliana Perucchi	2006
2	Queer, mas não muito: gênero, sexualidade e identidade nas narrativas de vida de mulheres	Ana Maria Brandão	2009
3	Prazer e Perigo: situando debates e articulações entre gênero e	Regina Facchini	2016

	sexualidade		
4	Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler	Eurídice Figueiredo	2018
5	Amizade como modo de vida no cinema coming of age: a identidade feminina fluída em garotas	Lariza Lima Santos Relvas	2018
6	Construção e problematização da identidade lésbica na obra de Cassandra Rios	Leonardo Alexander do Carmo Silva	2018
7	Vidas Precárias: a Performatividade na Constituição das Violências Fóbicas em Gêneros e Sexualidades	Sérgio Gomes da Silva Alexandre Nabor França	2019
8	Gênero e performatividade em Webcomics	Maya Zalbidea Paniagua	2019
9	A lesbianidade materializada nos corpos (nem tão) femininos	Daniela Conegatti Batista Jane Felipe de Souza	2019
10	“Vocês estão sozinhas?” A resposta está na pergunta	Eliane Santos da Silva Rosana Cássia dos Santos	2020
11	Quem é mulher de verdade? – Corpo feminino e sexualidade em A Via Crucis do Corpo, de Clarice Lispector	Ana Paula Pereira Comissário Rosanne Bezerra de Araújo	2021
12	Aspectos psicossociais relacionados à satisfação corporal de lésbicas e mulheres bissexuais brasileiras	Ana Karina Robinson	2021

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

A partir da leitura e da categorização dos materiais selecionados de acordo com os temas recorrentes, os resultados serão apresentados e discutidos na costura

dos seguintes eixos temáticos: 1) Performatividade de Gênero – Conceitos e Caracterização; 2) Sexualidade e Expressão de Gênero; e 3) Imagem Corporal de Mulheres Homoeróticas.

3.1 Performatividade de Gênero – Conceitos e Caracterização

Neste tópico inicial, pretendemos contextualizar e caracterizar a performatividade de gênero, além de relacioná-la com o recorte de mulheres não heterossexuais. Com esse intuito, iremos versar e nos debruçar sobre diversos outros conceitos que surgiram a partir da leitura dos artigos selecionados, problematizando processos sociais normativos, de forma a suscitar uma conscientização do que constitui nossa visão das questões de gênero e sexualidade.

O termo Performatividade de Gênero surge a partir de Judith Butler, pessoa não binária estadunidense, que pesquisa no campo da filosofia pós-estruturalista, feminismo e gênero, compondo, por exemplo, a teoria *queer*. Para destrinchar um pouco tais denominações, a palavra *queer*, da língua inglesa, se refere ao sujeito de sexualidade ou identidade de gênero desviante da norma, é uma posição onde não se há o desejo de ser integrado ou tolerado, e, portanto, busca desafiar as regras e assumir o desconforto da ambiguidade em sua identidade (LOURO, 2016, p. 7-8, apud FIGUEIREDO, 2018, p. 43). Assim sendo, os teóricos dessa corrente se comprometem, de modo geral, com um posicionamento teórico e político de contestação e questionamento dos processos sociais de normalização e de classificação do que vem a ser considerado “natural” ou não pela sociedade.

Segundo Figueiredo (2018), as contribuições teóricas de Judith Butler se fundamentam primeiramente na convicção de que não se pode separar corpo e mente. Logo, há uma quebra com as correntes filosóficas estruturalistas e mecanicistas, que buscam o estudo redutivo das partes para a compreensão do todo, aproximando-se do pós-estruturalismo, a partir do momento em que adota uma linguagem que sabota qualquer falsa noção de estabilidade, privilegiando a fluidez, a incoerência e a real complexidade das relações entre corpo, sexo, gênero e desejo (STAM, 2011, p. 203, apud RELVAS, 2018, p. 41). Segundo Butler, o corpo não se trata de uma determinação natural, na verdade ele é construído continuamente a

partir da educação, da linguagem e de discursos que indissociavelmente refletem relações de poder (FIGUEIREDO, 2018).

Dito isto, Butler faz uso do conceito de devir, em menção ao tornar-se mulher de Simone de Beauvoir, compondo a ideia de que ser mulher é um processo, um devir, sem origem ou fim, constantemente aberto a intervenções e re-significações (BUTLER, 2010, p. 59, apud FIGUEIREDO, 2018, p. 42). É a partir dessa concepção, que Butler define o gênero como um todo, ele seria um devir que aparenta ser algo cristalizado e definitivo, mas na verdade se configura como algo movente, sempre em transformação (FIGUEIREDO 2018).

As categorias sexo e gênero, portanto, se diferem na medida em que sexo se refere ao corpo biologicamente diferenciado, enquanto gênero se refere às atribuições culturais de significado para com esse corpo (COMISSÁRIO; ARAÚJO, 2021). Sexo seria a designação biológica, a propósito não tão simples ou binária quanto se aprende no ensino fundamental e médio, e gênero seria a roupagem e o que esperamos ver daquele corpo, tanto visualmente quanto em seus posicionamentos, atitudes e papéis sociais.

É comum que vislumbremos tais categorias como definições fixas e imutáveis, no entanto, o gênero está sempre em relação, ele não é uma substância, nem algo natural ou definitivo (FIGUEIREDO, 2018). O gênero constrói e é construído pelos ideais e construções sociais que nos vão sendo repassados geracionalmente e traçam o que vem a ser aceitável, bom e normal, ou inaceitável, mal e anormal (PANIAGUA, 2019; BRANDÃO, 2009).

No entanto, sem essas inscrições culturais que o significam, o corpo é considerado vazio. Sem a estilização de gênero, o corpo humano é apenas isso: humano, em processo e em devir, não podendo ser inteiramente demarcado como um dos lados da fronteira homem/mulher. Essa não demarcação, ou ambiguidade, é o que costuma ser visto como *queer*, já que é justamente esse par binário (homem/mulher) que vem definindo, de forma restritiva, o gênero de uma pessoa a partir da sua não conformidade com o outro; isto é, por exclusão, se não se é homem, é mulher, e vice-versa (BUTLER, 2003, p. 45, apud COMISSÁRIO; ARAÚJO, 2021, p. 46-47).

O tornar-se mulher, ou tornar-se homem, vai sendo demarcado e limitado pelas relações e pela linguagem, através de interpelações e indagações cotidianas que impõem fronteiras e perpetuam normas, o que acaba por criar corpos conformados e polidos (COMISSÁRIO; ARAÚJO, 2021). Em contraposição a isso, as teorias feministas de gênero, como a de Butler, se comprometem com uma busca por pensamentos mais plurais e diversos, divergindo de universalismos e tradicionalismos filosóficos ocidentais, visto que essa percepção binária de mundo impede formas alternativas de pensar e expressar gênero e identidade (RELVAS, 2018). Dessa forma, o pensamento butleriano vem a defender a adoção de práticas discursivas e performativas que tragam consciência dos vários contornos que limitam nossas possibilidades e potencialidades, que tratem de desestabilizar as normas calcadas no binarismo, e que assumam novas práticas que rompam com essa visão binária (COMISSÁRIO; ARAÚJO, 2021).

O conceito de Performatividade de Gênero, finalmente, surge enquanto terceira categoria contingente da corporeidade, juntamente ao sexo e ao gênero. Conforme já vem sido apresentado, para Butler, os corpos já nascem “generificados”, já que a existência é sempre social (SILVA; FRANÇA, 2019). Antes mesmo do nascimento de um bebê, é comum que a família fantasie sobre seu sexo, que, após revelado por uma ultrassonografia, fabrica nele um gênero, como um molde sociocultural. Não há, portanto, um corpo alheio à cultura e, conseqüentemente, alheio ao gênero, e, do mesmo modo, o gênero não é algo concebido ontologicamente a nós, é construído (SILVA; FRANÇA, 2019).

Nessa perspectiva, o gênero se torna algo intencional e performativo, algo que fazemos: uma performance; sequência de atos que nomeia quem somos (SILVA; FRANÇA, 2019). Butler define o gênero como um conjunto de estilizações repetidas, instituídas e inscritas sobre a superfície de nossos corpos. Assim, ela prioriza a ação, e não o agente, afirmando que não existe fazedor, apenas feitos; portanto, somos atos, e não fatos (BUTLER, 2010, p. 49, FIGUEIREDO, 2018, p. 42). Através de sinais corporais e meios discursivos, a formação da identidade do gênero é descrita por Butler como performativa, se tornando inexistente fora do discurso que a nomeia e, conseqüentemente, a constitui (FIGUEIREDO, 2018; BATISTA; SOUZA, 2019).

Considerando essa realidade do gênero enquanto criação por meio de performances contínuas, as próprias noções de masculinidade e feminilidade também assim são, não podendo ser vistas como essenciais ou permanentes (FIGUEIREDO, 2018). Há um comportamento aprendido e apreendido do que é ser masculino, por exemplo, baseado em uma virilidade ficcional, onde é imperativo que todo homem se mostre forte e provedor (SILVA; FRANÇA, 2019), enquanto o ser feminina remete à submissão, pureza, delicadeza, entre vários outros atributos imaginários que são construídos em um recorte específico de raça e classe, por vezes não sendo sequer permitidos como possibilidade para mulheres negras.

Assim, através da repetição e de rituais que nos são inseridos do que se é considerado masculino ou feminino, a performatividade restringe e permite a naturalização de uma hegemonia normativa (PANIAGUA, 2019). Ao elucidar essa hegemonia, ressalta-se a importância de rejeitar o caráter fixo dessa binarização, bem como rejeitar a cristalização dos conceitos, valorizando construções contextualizadas e historicizadas (TONELI; PERUCCHI, 2006).

A partir dessa lógica, revela-se a mesma qualidade ficcional em relação à sexualidade, sendo ela resultado de um conjunto de ações, comportamentos e relações sociais, e conseqüentemente, uma invenção reiterada pela repetição e dominada por uma visão binária. Há uma suposição preconcebida de que gênero e sexualidade são atributos lineares, onde feminino e masculino seriam oposições complementares e dicotômicas, assim como macho/fêmea, homem/mulher. A partir disso, pressupõe-se, também, a heterossexualização do desejo, a cada gênero binário lhe é esperado desejar seu “oposto” (BATISTA; SOUZA, 2019; COMISSÁRIO; ARAÚJO, 2021).

Com tantas potencialidades do corpo interdidas, a manifestação do tornar-se mulher fica, então, restrita a uma única forma legítima: a da mulher branca, cisgênero, heterossexual, jovem e magra (COMISSÁRIO; ARAÚJO, 2021). Por apresentar uma ameaça ou perigo a esse dogma, quanto mais um corpo se distancia disso, mais lhe é prescrita a censura, invisibilidade e opressão (COMISSÁRIO; ARAÚJO, 2021), estando em maior vulnerabilidade qualquer corpo que abrigue em si interseccionalidades e marcas identitárias divergentes da norma. Logo, é importante considerar que as opressões são múltiplas, articuladas, e complexas, não sendo possível compreender qualquer desigualdade se analisarmos

uma variável isoladamente, sem refletir sobre o papel da raça, classe, entre outras, na sociedade (BIROLI; MIGUEL, 2015).

É através desse mecanismo de (des)legitimação que se ocultam as possibilidades e configurações de gênero que rompem com estruturas já definidas pela dominação masculina e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2010, p. 201, apud FIGUEIREDO, 2018, p. 45). Esse último conceito, proposto por Rich (1980, apud ROBINSON, 2021, p. 18), se refere ao processo social que outorga a heterossexualidade como a única opção válida da mulher viver sua sexualidade, sendo hegemônica e inevitavelmente causando a invisibilidade e exclusão de qualquer outra vivência. Ela age como instituição política, retirando o poder das mulheres e as colocando em situação de opressão diante de uma regra pré-determinada (SILVA; SANTOS, 2020).

Como tem sido predominante ao longo da história, o não reconhecimento das diversidades das performatividades de gênero e sexualidades destitui o sujeito da sua especificidade e subjetividade enquanto sujeito de direitos (SILVA; FRANÇA, 2019). Isso leva, por exemplo, a uma banalização e precarização, de acordo com o termo de Judith Butler (2004; 2015a, apud SILVA; FRANÇA, 2019, p. 156), da vida da população LGBTQIA+, além de transformá-la, tanto no discurso quanto no ato, em uma vida que não merece ser vivida, que não é passível de luto.

3.2 Sexualidade e Expressão de Gênero

Elucidada a relação entre gênero e sexualidade, traçaremos nesse subsequente tópico a relação entre sexualidade e expressão de gênero, enquanto termo referente a aspectos como aparência física, postura, estilo e ao modo com o qual as pessoas escolhem se mostrar e serem vistas pelos outros, seja para performar conforto, adequação, resistência ou qualquer outra possibilidade.

Dito isso, considerando que o gênero se define, também, a partir de sua íntima ligação à sexualidade, Brandão (2009) questiona o que acontece com a identidade de gênero daqueles que não estão em conformidade às normas e à suposta coerência entre gênero e heterossexualidade. Em seu texto, a autora traz a sugestão de Butler (1999a: xi, apud, BRANDÃO, 2009, p. 85) de que a fuga à

heterossexualidade hegemônica pode significar uma perda do sentido do lugar de gênero, perda que pode ser compreendida como uma demonstração da real instabilidade que é inerente a qualquer identidade. Quando o indivíduo não se encaixa nessa ideia de coerência, o lugar do seu gênero pode ser questionado, tanto ao seu ver quanto aos olhos da sociedade, o que pode ser facilmente exemplificado pelos discursos populares que desinformadamente afirmam que um homem gay “não é homem de verdade”, ou que uma mulher lésbica na realidade é “macho”.

A presença do desejo homoerótico, de modo geral, tende a causar confusão e estranheza em uma sociedade heteronormativa, já que há essa forte presunção de que o desejo sexual deve ser dirigido a alguém do outro sexo, o que estabelece fronteiras bem claras sobre os “tipos” de pessoa que se pode ser, além de legitimar socialmente que territórios são próprios ou impróprios para alguns desses tipos se mostrarem visíveis (BRANDÃO, 2009; TONELI; PERUCCHI, 2006).

Uma parte importante do imaginário do que é ser mulher e performar feminilidade, por exemplo, inclui desejar um homem, o que leva o desejo homoerótico à uma posição de transgressão de fronteiras (DOUGLAS, 1994, apud BRANDÃO, 2009, pg. 85). Dessa forma, pela suposição de sua sexualidade, as mulheres e a noção do feminino passam por uma sujeição ao olhar masculino, estando rodeadas de padrões estéticos machistas e objetificantes, conforme supracitado brevemente na introdução desta pesquisa (ROBINSON, 2021). A atração homoerótica, portanto, rompe com o princípio de que o gênero seria o sinal externo e visível da identidade sexual (BRANDÃO, 2019). Isto é, o gênero feminino, por si só, não é sinal suficiente do desejo heterossexual por um homem e não descarta outras possibilidades da sexualidade de uma mulher.

Ademais, no discurso socialmente dominante, é-se heterossexual ou homossexual. É raro que se reconheça a possibilidade do desejo sexual ser algo fluido e não estanque, sendo a bissexualidade equacionada como indefinição ou inconstância, uma forma de “não se decidir” (BRANDÃO, 2019). Há uma maior facilidade em compreender identidades com fronteiras aparentemente mais precisas ou estáveis, como a lésbica, que delimitam de forma mais permanente cenários futuros (BRANDÃO, 2019).

Essa estabilização identitária, produzida por expectativas, culmina, também, na lógica de que um envolvimento homoerótico diretamente converte suas

experiências em uma identidade homossexual, como se fosse o indivíduo portasse uma essência homossexual determinante (TONELI; PERUCCHI, 2006). Isto é, uma mulher que já teve algum envolvimento com outra, é automaticamente rotulada como lésbica e tem sua sexualidade reduzida às suas práticas sexuais, o que compromete e limita as possibilidades de ela vir a se modificar ou de se identificar como bissexual, por exemplo (GOFFMAN, 1989; STRAUSS, 2002, apud BRANDÃO, 2019, p. 87).

Não podendo identificar o desejo de alguém através do seu gênero, a próxima via de adivinhação está no observar da expressão de gênero performada por aquela pessoa, ou seja, se ela se apresenta mais feminina ou masculina, por exemplo, supõe-se que seu desejo seja direcionado ao lado “oposto” desse binário estabelecido. No entanto, o rompimento de uma mulher com a heterossexualidade não conduz obrigatoriamente a um rompimento com sua identificação enquanto mulher ou enquanto feminina, mas ocasiona uma reelaboração de diversos moldes (BRANDÃO, 2019). Há, então, um processo de reconstrução identitária que geralmente deságua na reclamação de uma identidade e que produz uma série de encontros e desencontros, reflexões e escolhas, ainda que dentro de certos limites (BRANDÃO, 2019).

O imaginário social propõe que parte do ser lésbica deve incluir um afastamento da feminilidade hegemônica, reforçando o estereótipo da lésbica como uma mulher masculina, pautado na desatualizada noção psiquiátrica de que a homossexualidade seria uma “inversão sexual” (KATZ, 1996; WEEKS, 1995, apud BRANDÃO, 2019, p. 89). Além disso, a ideia de uma “saída do armário”, termo designado a anunciação de que não se é heterossexual, costuma gerar uma busca por sinais anteriores daquela orientação sexual, que se imagina ter estado sempre ali, latente e permanente, por baixo da superfície (BRANDÃO, 2019). Apesar que hoje pareça ultrapassada a ideia de uma identidade lésbica única e estável, ela as vezes oferece uma explicação e um modelo que vem a sanar sentimentos de angústia, confusão e inadequação (SILVA, 2018).

É comum, por exemplo, que algumas mulheres não heterossexuais, ao lembrar de sua adolescência ou infância, denotem sua não conformidade às normas de comportamento e aparência feminina como sinal de diferença em relação a outras garotas e como elemento explicativo de sua sexualidade (BRANDÃO, 2019).

Essa diferença passa pelo vestuário, podendo se expressar com a recusa de vestidos, saias, cores específicas e acessórios, pela ausência de maquiagem, pelo cabelo curto, pelas atitudes e pela predileção por brincadeiras e atividades tradicionalmente conotadas com o masculino (BRANDÃO, 2019).

Esse achado surge de uma pesquisa empírica, de Ana Maria Brandão (2019), baseada nas narrativas de vida de um conjunto de mulheres, de três gerações diferentes, envolvidas em relações homoeróticas. Ela aponta, todavia, que os relatos que apontam para esses sinais anteriores da orientação sexual estavam ausentes entre as mulheres mais jovens, o que pode ser atribuído às mudanças sociais que vêm confrontando as diferenças de gênero e alterado essa visão do homoerotismo como equivalente de uma “inversão”, não havendo necessariamente a apologia de uma estética particular em seus discursos (BRANDÃO, 2019).

Ainda assim, a feminilidade geralmente exclui suspeitas de que aquela mulher pode ser lésbica ou bissexual, podendo se passar por heterossexual perante os olhos da sociedade e lhe sendo esperada essa sexualidade (BRANDÃO, 2019). No entanto, cabe considerar que em um contexto sócio-histórico onde se assumir homossexual pode gerar represálias, preconceitos e violências, se camuflar nas normas pode ser uma necessidade e um importante recurso protetivo (SILVA, 2018). Surge, assim, uma tensão entre o querer se ocultar e passar despercebida para evitar potenciais violências, e, ao mesmo tempo, o querer encontrar um grupo que lhe possibilite identificação e pertencimento perante semelhantes (SILVA, 2018).

Por muito tempo, a masculinização tem sido um critério fundamental de identificação, sobretudo em locais e momentos onde o homoerotismo se caracteriza pela invisibilidade e secretismo (FADERMAN, 1992; EVES, 2004; PONSE, 1976, apud, BRANDÃO, 2019, p. 92). Ela facilita visualmente, por exemplo, o processo de identificação espontânea que permite que mulheres homoeróticas se reconheçam entre si, o que faz alusão ao termo conhecido como “*gaydar*”, ou radar gay. A definição deste termo seria, portanto, a capacidade de descobrir a orientação sexual de outra pessoa sem que ela precise se anunciar verbalmente, possibilitando o reconhecimento de seus companheiros (SILVA, 2018).

A existência de um tipo de comunicação sutil e eficaz entre as mulheres homoeróticas, como se por um código, possibilita que elas se relacionem, tanto romântica e sexualmente, quanto na cumplicidade e compreensão mútua de suas

identidades (SILVA, 2018). No entanto, a partir da mudança das representações do homoerotismo feminino, vem se multiplicando as formas de expressão de gênero e, conseqüentemente, a perda da relevância da masculinização ou da ambigüidade enquanto único código de identificação recíproca (BRANDÃO, 2019).

Dessa forma, por serem perpassados por expectativas tanto do meio heterossexual, quando pela própria comunidade, o gênero e a expressão de gênero, manifestada através da estética corporal, podem ser entendidos não só como uma forma de enunciação do que se é, como também do que se quer ser, passando por uma modelação, em parte voluntária, que não consegue fugir de contextos e normas de pertença (BRANDÃO, 2019).

O propósito do debate pós-moderno tem sido de desconstruir diversas cristalizações identitárias, propondo a complexificação do conceito da identidade, pelo seu caráter relacional e enquanto inacabada, fluida e sujeita a contextos históricos, culturais e sociais (FULLER, 1997, apud, TONELI; PERUCCHI, 2006, p. 42). Alinha-se, portanto, com o achado de que quando os contextos de socialização favorecem a expressão do homoerotismo, quando mulheres têm acesso a discursos mais alternativos e diversificados, há espaço para uma concepção mais fluida da identidade sexual e expressão de gênero, onde uma não necessariamente dita a outra (BRANDÃO, 2019).

Percebe-se, por fim, que há grande importância no sentir-se à vontade, na proteção e na liberdade de se expressar diante dos outros, tanto discursivamente quanto na territorialidade, definida pelo espaço físico e também simbólico a partir dos quais os sujeitos se constroem (TONELI; PERUCCHI, 2006). A experiência de habitar espaços e redes sociais onde se pode encontrar um outro semelhante cria cumplicidade, identificação e pertencimento, além de possibilitar oportunidades, estilos, gostos e modos de vida que majoritariamente têm sido discriminados, deslegitimados e pouco valorizados (TONELI; PERUCCHI, 2006).

3.3 Imagem Corporal de Mulheres Homoeróticas

Após articulados os conceitos e as relações entre performatividade de gênero, sexualidade e expressão de gênero, bem como as possibilidades de performances e

expressões da mulher perante a binariedade masculina/feminina, aprofundaremos neste último tópico as especificidades da subcultura homoerótica no que tange às percepções de suas corporeidades, portanto, à imagem corporal.

Conforme já apresentado na introdução, a imagem corporal é um construto psicológico que envolve percepções, pensamentos e sentimentos acerca da aparência física que um indivíduo tem de si e em relação aos outros (HART, 2003; CASH, 2004). Na busca por artigos científicos sobre a imagem corporal de mulheres, no geral, foi possível identificar uma prevalência significativa de estudos focados em mulheres heterossexuais, não podendo ser generalizados para a realidade vivida por mulheres que não se encontram nesse recorte.

As orientações sexuais, expressões de gênero e a imagem corporal, têm em comum sua intrínseca relação com o desenvolvimento do autoconceito e de identidade, orientando o modo como nos percebemos, como percebemos aos outros, e como somos percebidos (ROBINSON, 2021). Isto posto, juntamente com a noção de que ela é afetada pelas relações, atos e discursos, vemos que a construção da imagem corporal de uma mulher não heterossexual terá especificidades em relação a de uma mulher heterossexual, bem como poderá variar dentre as diversas possibilidades de orientações sexuais homoeróticas em suas subculturas, sejam elas lésbica, bissexual, pansexual, entre outras.

Ao primeiro caso, Robinson (2021) obteve o resultado de que há uma conexão direta entre as identificações de lésbicas e bissexuais e a satisfação corporal, estando elas alinhadas a expressões de gênero mais divergentes da lógica heteronormativa. Ela afirma que a rigidez dos padrões de beleza e estética corporal está atrelada a um aumento significativo nos índices de insatisfação com a própria aparência. Além disso, as mulheres heterossexuais se apresentam mais vulneráveis a essas pressões, valorizando a magreza extrema, branquitude, juventude e expressões enrijecidas de feminilidade (ROBINSON, 2021). Assim, as mulheres que relataram menor identificação enquanto lésbicas, apontaram níveis mais elevados de perfeccionismo físico e comparação social.

Com diversos fatores possíveis para tanto, a autora aponta que as lésbicas e mulheres bissexuais parecem vivenciar uma subcultura com caráter protetivo para com essas demandas estéticas, com maior liberdade quanto às expressões de gênero (ROBINSON, 2021). Essa proteção passa por fatores como a vinculação às

pautas políticas da comunidade LGBTQIA+, estando mais inclinadas a recusar padrões convencionais focados na magreza e na sujeição ao olhar masculino e objetificado (ROBINSON, 2021).

Ainda que os resultados tenham apresentado essa relação direta, outros aspectos podem ser considerados protetivos em relação às pressões sociais, não necessariamente estando presentes em todas as vivências não heterossexuais, ou ausentes nas heterossexuais. São eles: apoio social e afetivo, comunicação funcional de familiares e pessoas significativas desde a infância, promoção de uma visão ampliada de beleza e aceitação das diversidades corporais (ROBINSON, 2021). Tal achado condiz com Toneli e Perucchi (2006), quando mencionam a importância de espaços e redes sociais que favoreçam expressões homoeróticas e tenham acesso a discursos mais alternativos e diversificados da norma heteronormativa.

Apesar de hoje existirem diversos movimentos de combate ao preconceito contra a diversidade sexual e de gênero, ao racismo, etarismo, capacitismo e à gordofobia, Robinson (2021) afirma que os meios de comunicação em massa e a mídia ainda reproduzem muitos padrões estéticos pautados no patriarcado e na promoção e perpetuação de desigualdades e opressões. Além disso, as mulheres são as mais vulneráveis a terem sua autoimagem corporal influenciada pela mídia (ROBINSON, 2021). Em um estudo de Smith et al. (2017, apud ROBINSON, 2021, p. 21), apesar de as participantes perceberem a comunidade LGBTQIA+ como menos julgadora e mais receptiva de seus aspectos físicos (tamanhos e formas), elas ainda não acreditam que isso seja suficiente para lhes oferecer uma “proteção” contra as pressões sociais de se ter um corpo magro.

Com tanto controle e regulação das imagens corporais, são discussões e performances subversivas cada vez mais visíveis que escancaram a desproporcionalidade das expectativas corporais em relação às mulheres, rompendo com a percepção binária de mundo, fornecendo maior conhecimento, visibilidade e proteção a elas (COMISSÁRIO; ARAÚJO, 2021; ROBINSON, 2021). O conceito de visibilidade, de acordo com Toneli e Perucchi (2006), opera a partir da lógica de que o que é percebido com frequência pelos sujeitos tende a se tornar comum aos seus olhos. Da mesma forma que a heteronormatividade e o patriarcado parecem comuns a muitos por ser a única experiência que foi permitida ser visível durante muito

tempo, é a partir de demonstrações públicas de vivências homoeróticas ou performances de gênero que não estão em conformidade com a norma que possibilitam mudanças em relação ao preconceito (TONELI; PERUCCHI, 2006).

Por terem sido aculturadas nessa mesma sociedade heteronormativa e com pouca visibilidade, as mulheres homoeróticas desde cedo assimilam as dinâmicas de violência e exclusão contra elas. Por estarem em constante exposição a discursos negativos relacionados à sua identidade, é possível, por exemplo, que elas venham a internalizar esse estigma (ROBINSON, 2021). Ainda, é comum que ocorra a antecipação do preconceito, o que pode resultar na repressão ou ocultação da identidade (MEYER, 2003, apud ROBINSON, 2021, p. 19). Dessa forma, pelo reconhecimento de um espaço e uma cultura que não a deixa a vontade e lhe oferece riscos, tanto sua expressão de gênero, quanto a expressão de sua sexualidade e imagem corporal podem ser prejudicadas.

A partir disso, retomamos o tópico da mulher que, ao performar feminilidade, acaba sendo atrelada a uma heterossexualidade compulsória. Por mais que isso talvez a livre de algumas situações de violência, também as expõe a outras formas, a partir do momento em que costumeiramente são interpeladas e agredidas por estarem “disponíveis”, na visão do homem, ou por estereotipar condutas que não condizem com o esperado (SILVA; SANTOS, 2020). Além disso, essa imagem “disfarçada” pode trazer possíveis sentimentos de angústia e inadequação (SILVA, 2018). A visão de algumas mulheres homoeróticas frente a essa imagem revela uma norma subcultural que questiona e menospreza a identidade sexual homoerótica de garotas mais femininas, fazendo questão de se distinguirem delas (BRANDÃO, 2021).

Há uma dupla exclusão, portanto, em relação a esse recorte, tanto por manifestarem uma orientação sexual que foge da norma, quanto por não manifestarem um comportamento ou expressão de gênero típica do grupo com o qual deveriam se identificar (SILVA, 2018). Assim, não encontram sentimento de pertencimento em nenhum dos “lados”, caindo em um entrelugar. O que pode ocorrer, no entanto, é que elas apresentem uma rejeição, possivelmente por introjeção do preconceito que as cerca, em relação à imagem de mulheres homoeróticas lidas como masculinizadas e rotuladas como lésbicas, independente de se identificarem assim ou não. Em estudos da década de 1980 e 1990, conforme

afirma Robinson (2021), lésbicas com expressões de gênero mais masculinas, a partir de suas roupas, tamanho do cabelo, peso corporal e acessórios, eram percebidas por homens e mulheres como menos atraentes. Enquanto as lésbicas com expressão mais feminina, eram consideradas mais atraentes, porém tinham sua identidade deslegitimada (ROBINSON, 2021).

Nesse sentido, os requisitos estéticos e sociais heteronormativos também condicionam a existência lésbica e não heterossexual, a ela cumprindo performá-los, devendo desempenhar um papel associado à feminilidade, amabilidade e delicadeza, para que assim possa manter seu título de mulher “de verdade” (RICH, 1980, apud ROBINSON, 2021, p. 19). Há outra problemática, portanto, quanto à figura da mulher masculina ou “machona”, estereotipada na imagem da “caminhoneira”. É retirada a possibilidade de ela ainda ser mulher, pela forma como sua imagem corporal é percebida pelos outros. Além do seu aspecto estético ser julgado como mera imitação da imagem de um homem, são atrelados, ou até performados por ela, aspectos como uma atitude mais agressiva (SILVA, 2018), o que se associa com a perpetuação de uma norma tóxica sobre o que deve ser a masculinidade.

A imagem corporal acaba sendo um fator importante no processo de busca e escolha por companheiras e grupos sociais, e relacionamentos entre mulheres homoeróticas (ROBINSON, 2021). Embora poucas relatem possuir uma preferência em relação a tipos específicos de corpos (SMITH et al., 2017, apud ROBINSON, 2021, p. 21), o que se vem percebido ao longo da leitura desses artigos, é a importância que é dada e a presença de visões tão polarizantes sobre as expressões de gênero alinhadas a masculinidade ou feminilidade. Por mais que haja maior diversidade e aceitação dentro das subculturas da comunidade LGBTQIA+, ainda é perpetuada a noção da imagem corporal como uma fachada e uma forma de enquadrar e fazer pressuposições sobre o outro pautadas em normas.

Hoje percebemos maior visibilidade na sociedade e nas mídias sociais em relação à população LGBTQIA+, no entanto, é importante que essa visibilidade possa emergir sem estereótipos condicionados sobre suas subjetividades, que venham a desqualificá-los como sujeitos de direitos, deveres e autonomia (SILVA; FRANÇA, 2019). Meio a tantos avanços, da despatologização, garantia de direitos e inclusão de programas de saúde à população LGBTQIA+, ainda são muitos os

meios de opressão, estigmatização, preconceito e discriminação (SILVA; FRANÇA, 2019) em relação ao que é *queer*. Dessa forma, ressalta-se a importância, alinhada ao pensamento butleriano (COMISSÁRIO; ARAÚJO, 2021), de assumirmos práticas discursivas e performativas que desestabilizem as normas e a linguagem, trazendo visibilidade a novas práticas e possibilidades de se viver a fluidez que acompanha a complexidade humana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender de que forma a performatividade de gênero atravessa a construção da imagem corporal de mulheres homoeróticas. Através da análise dos artigos selecionados, foi possível conceitualizar e caracterizar a performatividade de gênero, contextualizando sua origem meio à teoria *queer*, ao feminismo e ao pós-estruturalismo. Uma breve distinção entre sexo e gênero foi apresentada, seguida pela articulação do que Butler estabelece enquanto caráter performativo do gênero.

O ser mulher pôde ser ampliado à visão de um tornar-se mulher, através de atos e estilizações repetidas em constância. A ruptura com noções cristalizadas e enrijecidas em relação ao gênero feminino oportunizou a consideração dos constantes esforços que são esperados para a manutenção dessa imagem. Os resultados versaram as diversas influências e discursos que pressionam os moldes do que deve ser o feminino e o masculino, com enfoque no feminino, conforme justificado na introdução, pela presença do patriarcado e da dominação masculina que torna as mulheres sujeitas ao seu olhar e, portanto, mais vulneráveis a terem sua imagem corporal afetada por pressões e regulações.

A mesma lógica performativa foi encontrada nos conceitos de sexualidade, identidade e expressão de gênero. A partir disso, a não heterossexualidade, isto é, o homoerotismo feminino, traz uma ruptura com a visão binária e heteronormativa da tríade mulher-feminina-heterossexual, onde ser feminina traz a suposição da heterossexualidade, e ser masculina, ou ter tido alguma relação com outra mulher, traz a suposição imediata do ser lésbica. Parece não haver espaço para a fluidez ou instabilidade no imaginário social, o que deixa outras orientações sexuais, como a

bissexualidade ou panssexualidade, por exemplo, invisíveis e alocadas na “indecisão”.

Os artigos analisados apresentaram a problemática de discursos e percepções enrijecidas em torno da feminilidade como forma de ocultação da identidade homoerótica, como antecipação de preconceito ou como internalização dele e rejeição da masculinização de outras mulheres não heterossexuais. Por outro lado, a masculinidade acaba sendo apresentada como o estereótipo da mulher lésbica “invertida” sexualmente, sendo considerada inferior em alguns casos.

Em relação ao objetivo geral, foi possível confirmar, de certo modo, a hipótese inicial de que as mulheres não heterossexuais estariam menos vulneráveis e, portanto, mais críticas às demandas estéticas impostas pelo olhar masculino. A construção de sua imagem corporal estaria mais protegida com uma explicação que se ancora em fatores protetivos como: maior liberdade e aceitação quanto às expressões de gênero não normativas, vinculação à pautas políticas que rejeitem qualquer forma de preconceito à diversidade e maior inclinação a recusar convencionalismos focados na magreza e na sujeição ao olhar masculino.

Além disso, outros fatores protetivos identificados foram: apoio social e afetivo, comunicação funcional desde a infância e promoção de uma visão ampliada de beleza e diversidades corporais, podendo estar presentes em diversos outros recortes populacionais. Dessa forma, é importante ressaltar a importância de territórios, espaços e redes sociais que favoreçam o acesso a discursos mais alternativos e diversificados para promover aceitação e boas relações dos indivíduos com sua autoestima e satisfação corporal.

No entanto, apesar de a comunidade LGBTQIA+ ter sido percebida como uma subcultura protetiva e menos julgadora, tal percepção não configura proteção suficiente quando se considera um meio social majoritariamente demandante e reforçador das pressões sociais e estéticas pautadas na norma. Por se construírem dentro dessa mesma sociedade, as mulheres homoeróticas também estão constantemente expostas às dinâmicas de exclusão e violência em relação a sua orientação sexual e gênero. Inclusive, foi possível identificar que dentro da própria comunidade LGBTQIA+, muitas normas ainda são internalizadas e reproduzidas, denotando a verdadeira dificuldade que é romper com ideais tão enraizados.

Dentre as limitações, houve a restrição do tempo disponível para a construção deste trabalho de conclusão de curso, onde não foi possível analisar textos mais complexos ou extensos, apesar de alguns outros se alinharem com a temática. Além disso, como apontado no método, houve uma certa dificuldade de encontrar descritores e artigos que articulassem todas as categorias pensadas e compreendessem vivências e recortes mais abrangentes, sendo necessário o trâmite por diversas palavras-chave e descritores alternativos.

Ressalta-se que pouco surgiu, a partir dos descritores e textos encontrados e selecionados, sobre as vivências de mulheres que se identificam como bissexuais, panssexuais ou, menos ainda, assexuais. Não foi possível encontrar, também, resultados ou discussões interseccionais referentes às vivências de mulheres transgênero ou de mulheres negras, sendo incentivada a realização de cada vez mais pesquisas que abarquem as especificidades de grupos minoritários e invisibilizados no âmbito acadêmico, trazendo uma discussão interseccional dos fenômenos sociais.

Por fim, quanto às contribuições deste trabalho, foi possível trazer delimitações e conceitualizações de termos ainda recentes e de pouco alcance ao conhecimento geral, articulando-os de forma criativa e acrescentando a discussões acadêmicas necessárias. Ao trazer visibilidade e questionamentos em relação a processos indevidamente cristalizados, e ao contemplar um recorte minoritário que precisa de maior atenção e cuidado, espera-se que a partir deste, novos estudos sejam inspirados e elaborados com uma visão mais fluida, relacional e complexa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 1, p. 24–34, jan. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/WstTrSKFNy7tzvSyMpqfWjz/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 15 de outubro de 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Daniela Dias. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 12, n. 2, p. 547–554, maio 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000200020>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/xF33tqFH3s4MnxJDR35MwCL/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 15 de outubro de 2022.

BATISTA, Daniela Conegatti; SOUZA, Jane Felipe de. A lesbianidade materializada nos corpos (nem tão) femininos. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), n. 31, p. 81–100, jan. 2019. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.31.05.a>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sess/a/TgXG47TqgF5LnLWGqHDNFfr/?lang=pt#>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 27–55, 2015. DOI: 10.5433/2176-6665.2015v20n2p27. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/24124>. Acesso em: 8 de março de 2023.

BRANDÃO, Ana Maria. Queer, mas não muito: gênero, sexualidade e identidade nas narrativas de vida de mulheres. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n. 20, p. 81-96, 2009. Disponível em: <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602009000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

CASH, T. F.; How Has Body Image Changed? A Cross-Sectional Investigation of College Women and Men From 1983 to 2001. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**. v. 72, n. 6, p. 01, 2004. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.72.6.1081>.

COMISSÁRIO, Ana Paula Pereira; ARAÚJO, Rosane Bezerra de. Quem é mulher de verdade? – corpo feminino e sexualidade em A via crucis do corpo, de Clarice Lispector. **Revista Criação & Crítica**, [S. l.], n. 29, p. 39-54, 2021. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.i29p39-54>. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/171731>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 34, n. 6, p. 428–431, dez. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLgLPwcmV6Gf/?lang=pt#>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

ENGELN, Renee; MILLER, Steven; DOYLE, David. **Tests of Objectification Theory in Gay, Lesbian, and Heterosexual Community Samples: Mixed Evidence for Proposed Pathways**. *Sex Roles*. 65. 518-532. <https://doi.org/10.1007/s11199-011-9958-8>. 2011.

FACCHINI, Regina. Prazer e perigo: situando debates e articulações entre gênero e sexualidade*. **Cadernos Pagu**, n. 47, p. 371-400, 2016. <https://doi.org/10.1590/18094449201600470014>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/RnRYkfBWFPMQScTNNhJPKBh/?lang=pt#>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2023.

FIGUEIREDO, Eurídice. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. **Revista Criação & Crítica**, [S. l.], n. 20, p. 40-55, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i20p40-55>. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138143>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

FREDRICKSON, B. A.; ROBERTS, T. Objectification theory: Towards the understanding women's lived experiences and mental risks. **Psychology of Women Quarterly**, 21, 173- 206. 1997. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00108.x>.

HART, E. A. Avaliando a imagem corporal. In: **Medidas e avaliação em Educação Física e Esportes de Barrow & McGee**. 1. ed. Manole, Barueri – São Paulo, p. 457-488, 2003.

HILL, M. S.; FISCHER, A. R. Examining objectification theory: Lesbian and heterosexual women's experiences with sexual and self-objectification. **The Counseling Psychologist**, 36, 745–776. 2008. <https://doi.org/10.1177/0011000007301669>.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde de 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

KOZEE, H. B.; TYLKA, T. L. A Test of Objectification Theory with Lesbian Women. **Psychology of Women Quarterly**, 30(4), 348–357. 2006. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2006.00310.x>.

LOUREIRO, Carolina Piazzarollo. **Corpo, beleza e auto-objetificação feminina**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Vitória, 147 f. 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/5577>>. Acesso em: 15 de outubro de 2022.

MOURA, Erick de Freitas; MEDEIROS, Cíntia Rodrigues de Oliveira. **Desafiando a heteronormatividade**: interpretações sobre manifestações das organizações a favor da diversidade sexual. Anais dos Seminários em Administração FEA/USP, 2014.

NEWMAN, Laura. **Interview: Céline Sciamma (Water Lilies)**. IONCINEMA, 2008. Disponível em: <<https://www.ioncinema.com/news/uncategorized/interview-celine-sciamma-water-lilies>>. Acesso: nov/2022.

PANIAGUA, Maya Zalbidea. Gênero e performatividade em Webcomics. **Revista Texto Digital**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 79-94, jan./jun. 2019. <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2019v15n1p79>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2019v15n1p79>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2023.

POLLARD, Alexandra. **Portrait of a Lady on Fire director Céline Sciamma: ‘Ninety per cent of what we look at is the male gaze’**. The Independent UK, 2020. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/films/features/celine-sciamma-interview-portrait-of-a-lady-on-fire-adele-haenel-tomboy-girlhood-a9365411.html>>. Acesso: nov/2022.

RELVAS, Lariza Lima Santos. **Amizade como modo de vida no cinema coming of age: a identidade feminina fluída em Garotas**. 2018. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Cinema e Audiovisual)-Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, 2018. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/12456>>. Acesso em: 11 de novembro de 2022.

ROBINSON, Ana Karina. **Aspectos psicossociais relacionados à satisfação corporal de lésbicas e mulheres bissexuais brasileiras**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Rio Grande do Sul, p. 59. 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/239088>>. Acesso em 15 de outubro de 2022.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v–vi, abr. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/#>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

RUFINO, Andréa Cronemberger et al. Práticas sexuais e cuidados em saúde de mulheres que fazem sexo com mulheres: 2013-2014. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 27, n. 4, e2017499, Dez. 2018. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742018000400005>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ress/a/yGPBGLXyxGBd46tmbSvbwQc/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 15 de outubro de 2022.

SILVA, Leonardo Alexander do Carmo. CONSTRUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DA IDENTIDADE LÉSBICA NA OBRA DE CASSANDRA RIOS. **Via Atlântica**, [S. l.], v. 1, n. 33, p. 81-94, 2018. <https://doi.org/10.11606/va.v0i33.139764>. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/139764>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2023.

SILVA, Sérgio Gomes da; FRANÇA, Alexandre Nabor. Vidas Precárias: a Performatividade na Constituição das Violências Fóbicas em Gêneros e Sexualidades. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, n. spe3, p. e228547, 2019. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228547>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/mCPPk5RzXXJvzjDwRdT5BRR/?lang=pt#>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

SILVA, Eliane Santos da; SANTOS, Rosana Cássia dos. “Vocês estão sozinhas?” A resposta está na pergunta. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 77–86, 2020. <https://doi.org/10.5007/2175-7917.2020v25n1p77>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2020v25n1p77>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

SMOLAK, L.; MURNEN, S. K. The sexualization of girls and women as a primary antecedent of self-objectification. Em R. Calogero, S., Tantleff-Dunn & J. K. Thompson (orgs.), **Self-objectification in women: Causes, consequences, and counteractions** (pp. 53-75). Michigan: American Psychology Association. 2011. <https://doi.org/10.1037/12304-003>.

SOUZA, Eloisio Moulin de; PEREIRA, Severino Joaquim Nunes. (Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **RAM – Revista de Administração**

Mackenzie, v. 14, n. 4, p.76-105, jul./ago. 2013.
<https://doi.org/10.1590/S1678-69712013000400004>. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ram/a/7JPZNfcRbYkQVcnxQZ88KHs/abstract/?lang=pt>>.
Acesso em 15 de outubro de 2022.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; PERUCCHI, Juliana. Territorialidade homoerótica: apontamentos para os estudos de gênero. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 3, p. 39–47, set. 2006. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000300006>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/5b337DGkjgpQWHvnMNn7frv/?lang=pt#>>.
Acesso em 20 de fevereiro de 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Defining sexual health**: report of a technical consultation on sexual health, 28-31 January 2002. Geneva. 2006.